



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**KAROLINE MERY DE OLIVEIRA**

**MEMORIAL DA UFRPE: A DIVULGAÇÃO DA MEMÓRIA  
INSTITUCIONAL ATRAVÉS DE AÇÕES EDUCATIVAS**

**RECIFE**

**2020**

**KAROLINE MERY DE OLIVEIRA**

**MEMORIAL DA UFRPE: A DIVULGAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL  
ATRAVÉS DE AÇÕES EDUCATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Graduada em História.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco.

RECIFE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- O48m de Oliveira, Karoline Mery  
Memorial da UFRPE: A Divulgação da memória Institucional através de ações educativas / Karoline Mery de Oliveira. - 2020.  
60 f. : il.
- Orientador: Ricardo de Aguiar Pacheco.  
Inclui referências e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em História, Recife, 2020.
1. Ações educativas. 2. Atividades didáticas. 3. Memorial da UFRPE. 4. Museu. 5. UFRPE. I. Pacheco, Ricardo de Aguiar, orient. II. Título

CDD 909

---

# **UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

## **Memorial da UFRPE: a divulgação da memória institucional através de ações educativas**

Este trabalho de conclusão de curso foi considerado adequado como requisito para obtenção do título de Graduada em História, aprovada pela banca examinadora na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

---

**Prof. Coordenador do curso de Licenciatura em História**

**Data da Defesa: 15 de outubro de 2020**

**Horário: 14:00 horas**

**Sistema de vídeo chamada da UFRPE**

**Banca Examinadora:**

**Prof. Drº**

**(Orientador)**

**Ricardo de Aguiar Pacheco**

**Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>**

**(Examinadora Interna)**

**Mariana Zerbone Alves de Albuquerque**

**Prof. Drº**

**(Examinadora Externa)**

**Bruno Melo de Araújo**

## DEDICATÓRIA

*Dedico essa pesquisa mainha e painho, Jacqueline Mary da Silva e Kleber Martins de Oliveira que sempre apoiaram e me incentivaram aos estudos. Pelo amor, carinho e cuidado que tiveram por mim e à minha educação.*

*Assim como a minha vó Maria do Carmo Calixto e a todos os meus familiares que comigo alcançam esse título de graduada, por sempre me mostrarem que a única forma de conseguirmos nosso lugar é pelo conhecimento que recebemos através da educação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço ao Senhor Deus por ter me concedido esta realização, pelo seu amor incondicional, por ter me dado forças e instrução. Todo mérito à Ele.

Agradeço também a minha querida mãezinha, virgem Maria, que sempre esteve comigo, levando-me sempre às mãos de Jesus Cristo, ensinando-me que Ele deve ser o centro de minha vida.

Em seguida agradeço de todo coração a minha querida mainha Jacqueline Mary e ao meu painho Kleber Martins, pois sei que é por meio da insistência de investirem em boa educação que hoje consigo terminar este curso. Por todo amor agradeço imensamente aos dois.

As minhas irmãs, Ana Julia e Ana Sofia que sempre foram motivos de imensa alegria, que me trouxeram sorrisos e momentos de leveza.

Agradeço também a todos da minha família, as minhas avós materna e paterna, minhas tias e tios, primos e primas que comigo alcançam essa vitória de ter uma graduada na família. Essa vitória é nossa.

A Paulo Lima pelo seu amor e carinho, por não me deixar desistir nos momentos dolorosos e angustiantes da minha vida. Me ajudou enxergar que além da dor que me afligiu, há uma força enorme dentro do meu peito capaz de superar tudo isso.

Agradeço também ao Grupo de Oração Universitário (GOU) - Sentinelas da manhã, pelos encontros dos quais saía muito mais fortalecida para enfrentar a minha jornada universitária. Aos laços fortes de amizade que construir nessa graduação Willams Augusto e Thaynara Souza, a UFRPE não seria a mesma sem vocês.

Agradeço imensamente a todos os professores do curso de Licenciatura Plena em História, que me auxiliaram na descoberta desse curso maravilhoso.

Em particular agradeço ao meu querido orientador Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco que além de professor, orientador, foi meu querido amigo. A todos os queridos amigos do LEPAM, pelas reuniões e conversas que me fizeram crescer bastante na academia e na profissão que escolhi para minha vida.

Um agradecimento especial a Pró-reitoria de Extensão e Cultura pela confiança no projeto e pelo financiamento da bolsa de extensão que viabilizou as atividades que deram origem a essa monografia e que possibilitou a conclusão do meu curso. Agradeço a todos e todas que visitaram o Memorial nestes anos que estive por lá que de uma forma ou de outra me ajudaram nesse trabalho e também agradeço à UFRPE por ter me acolhido ao longo desses anos, espero poder nutrir um carinho enorme e poder sempre chamá-la de “ruralinda”.

*“Dá-me, Senhor, agudeza para entender, capacidade para reter, método e faculdade para aprender, sutileza para interpretar, graça e abundância para falar. Dê-me, Senhor, acerto ao começar, direção ao progredir e perfeição ao concluir”*

*São Tomás de Aquino*

## **RESUMO**

Entendendo que o museu existe por e para estabelecer uma relação entre sua comunidade e objetos significativos de sua cultura, o presente estudo tem como objetivo compreender o papel social do Memorial da UFRPE como espaço que cumpra com essa dimensão dos museus. Para isso realizamos uma reflexão sobre as ações pedagógicas e jogos didáticos desenvolvidos pela equipe do Memorial. Para a pesquisa foi realizada a leitura dos referenciais teóricos relacionados aos campos da museologia e da História dos museus. Também buscamos conhecer os processos de constituição da UFRPE sua importância social para entender o sentido da construção de um Memorial para uma universidade. E dessa forma, dialogando com a discussão sobre o Memorial da UFRPE, utilizamos teóricos ligados aos campos da Memória, Educação em Museus, ensino de História em Museus e Educação Patrimonial. A metodologia empregada também inclui a análise das fontes disponíveis no acervo do memorial e análise da execução dos jogos. Por fim, concluímos que os jogos didáticos utilizados não atuam isolados em si mesmo, mas buscam se fundamentar na pesquisa teórica e no acervo do Memorial da UFRPE. Eles fazem com que cada peça seja utilizada como referência e fonte de conhecimento sobre a história da universidade. Entendemos que a comunicação realizada dentro do Memorial corresponde a um processo educacional que estimula e facilita a interação entre a comunidade visitante e a equipe responsável pela manutenção do memorial, possibilitando a construção e a troca de conhecimentos.

**Palavras-chaves:** Ações educativas; Atividades didáticas; Memorial da UFRPE; Museu; UFRPE.

## **ABSTRACT**

Understanding that the museum exists for and to establish a relationship between its community and significant objects of its culture, the present study aims to understand the social role of the UFRPE Memorial as a space that fulfills this dimension of museums. For that, we made a reflection on the pedagogical actions and didactic games developed by the Memorial team. For the research, the theoretical references related to the fields of museology and the history of museums were read. We also seek to understand UFRPE's constitution processes and their social importance to understand the meaning of building a Memorial for a university. In this way, in dialogue with the discussion about the UFRPE Memorial, we used theorists linked to the fields of Memory, Education in Museums, Teaching History in Museums and Heritage Education. The methodology employed also includes an analysis of the sources available in the memorial collection and an analysis of the execution of the games. Finally, we conclude that the educational games used do not act in isolation in themselves, but seek to be based on theoretical research and on the UFRPE Memorial collection. They make each piece used as a reference and source of knowledge about the history of the university. We understand that the communication carried out inside the Memorial corresponds to an educational process that stimulates and facilitates the interaction between the visiting community and the team responsible for maintaining the memorial, enabling the construction and exchange of knowledge.

**Keywords:** Educational actions; Didactic activities; UFRPE Memorial; Museum; UFRPE.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. OS MUSEUS E A IDENTIDADE DAS INSTITUIÇÕES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO</b> .....	15
2.1. O museu moderno.....	15
2.2. O museu no mundo contemporâneo .....	18
2.3. As funções da instituição museu.....	21
2.4. Constituição do Memorial da UFRPE.....	24
<b>3. A HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO E SUAS TRAJETÓRIAS DE MEMÓRIAS</b> .....	27
3.1. Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento.....	27
3.2. Escola Superior de Agricultura de Pernambuco.....	30
3.3. Pensando a Memória Institucional.....	32
<b>4. O PAPEL SOCIAL DO MEMORIAL DA UFRPE</b> .....	34
4.1. Educação e museus.....	34
4.2. O Memorial da UFRPE e a Educação Patrimonial.....	35
4.3. Mediação .....	38
4.4. Jogo dos sete danos.....	41
4.5. Jogo da memória.....	43
4.6. Jogo do quadro.....	46
4.7. Jogo do quebra-cabeça.....	47
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	52

<b>7. ANEXOS .....</b>	<b>56</b>
Memorial da UFRPE (frente).....	56
Memorial da UFRPE (atrás).....	56
Aplicação do jogo dos danos com alunos do ensino fundamental II.....	57
Aplicação do jogo da memória com alunos do ensino fundamental II.....	57
Mediação à turmas do Ensino Médio.....	58
Mediação à turmas do Ensino Médio.....	58
Sala de jogos com os calouros da UFRPE.....	59
Mediação aos Calouro da UFRPE.....	59

## 1. INTRODUÇÃO

Através do desenvolvimento das sociedades modernas algumas práticas foram criadas em busca de recordar e relatar os seus feitos do passado no intuito de celebrar a sua história. Como também conservar e preservar o que possui significado para essa comunidade e é entendido como importante para a percepção da sua transformação interna e da sua relação com outras comunidades, nesses ou em outros tempos, nessa necessidade surge e se desenvolve a instituição que chamamos de museu.

Mais recentemente percebemos que diversas instituições estão interessadas em construir mecanismos de preservação e divulgação de sua memória. Dessa forma se insere o nosso objeto de pesquisa, o Memorial da UFRPE que sendo um museu institucional, visa resguardar a memória da instituição de ensino Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Mario Chagas afirma que selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo num outro tempo, como o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas, são as primícias do que entendemos como as funções de um museu.

Essa ideia nos permite compreender que o museu existe por e para estabelecer uma relação entre sua comunidade e objetos significativos de sua cultura. Verificamos então que essa instituição não é mais entendida enquanto elemento paisagístico e sim um local que resguarda a memória dessa comunidade. Portanto com o objetivo de compreender a importância de um Memorial para a Universidade Federal Rural de Pernambuco, se faz necessário a verificação da história dessa comunidade e compreender sua trajetória de construção de memória.

A comunidade acadêmica Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) tem a sua origem na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento de Olinda- PE. Mas também é valido ressaltar que diferentes processos históricos ocorreram para que a Universidade Federal Rural de Pernambuco fosse constituída.

Diferentes integrantes atuaram para essa expansão como os monges beneditinos, professores, alunos, técnicos e o próprio Governo do Estado e o Governo Federal. São esses agentes que foram responsáveis para o que hoje carinhosamente conhecemos como a “Rural.” Portanto é pertinente que busquemos compreender a sua trajetória e as memórias que formam essa identidade.

Os materiais que servem para evocar as lembranças do crescimento da UFRPE ao longo do tempo devem ser guardados para que, através deles, a memória do processo de sua fundação e efetivação possa ser transmitida e compartilhada com os estudantes, professores, técnicos e a comunidade que reside ao seu redor.

Essa atividade de guarda e preservação está concentrada no Memorial da UFRPE, que sediado na casa Ivan Tavares possui a função de: Pesquisar, coletar, identificar, recuperar, catalogar, conservar e expor documentos e outros objetos ligados a diferentes fases evolutivas da UFRPE.

O interesse de pesquisar o Memorial da UFRPE surgiu no primeiro período quando cursei uma disciplina optativa chamada Educação e Museus, ministrada pelo Professor Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco. Já nessa disciplina tive o interesse de realizar o meu trabalho final do curso voltado para educação em museus.

Logo no segundo período o mesmo professor me convidou para prosseguir com uma pesquisa PIBIC em andamento dentro do espaço do Memorial vinculada ao Laboratório de Estudos e Intervenções em Patrimônio Cultural e Memória Social (LEPAM).

No semestre seguinte fomos para uma bolsa de Extensão no projeto intitulado o Memorial da UFRPE. Meu plano de trabalho tinha o objetivo de manter aberto ao público o Memorial da UFRPE, expor o seu acervo e difundir a trajetória histórica da UFRPE para a comunidade interna e externa da universidade.

Na condição de bolsista de extensão vinculada ao Memorial da UFRPE pudemos pesquisar e conhecer mais a casa Ivan Tavares e os objetos de memória que ela possui. E tive a oportunidade de escrever e publicar um artigo numa revista científica intitulado “OS MUSEUS E A IDENTIDADE DAS INSTITUIÇÕES NO

MUNDO CONTEMPORÂNEO” (Oliveira; Pacheco, 2018). Assim como pude apresentar e publicar em anais de congresso fora da UFRPE o trabalho com o título de “A INSTITUIÇÃO E SUA MEMÓRIA: A IMPORTÂNCIA DO MEMORIAL DA UFRPE” (Oliveira; Pacheco, 2018).

Também submetemos resumos simples para submeter em eventos na própria UFRPE como o JEPEX, e apresenta-los em painel que foram publicados em anais (Oliveira; Pacheco, 2017; 2018). Assim como resumos expandidos que foram publicados e apresentados no III Ciclo de Debates o Rural e o Urbano: Práticas Docentes e o Ensino Global (Oliveira; Pacheco, 2018)

Através da orientação de Ricardo conciliamos o interesse de pesquisar educação em Museus com as pesquisas já realizadas para projeto de extensão em atividade, dando início a está monografia.

O objetivo geral desse trabalho é compreender o papel social do Memorial da UFRPE dentro da universidade por meio da análise das ações pedagógicas e jogos didáticos.

Tendo como objetivos específicos, primeiramente, construir uma revisão bibliográfica sobre o início da instituição Museu, para compreender as funções desta instituição e o seu papel social. No segundo momento vamos averiguar o processo de fundação e constituição da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e dessa forma compreender sua história. No terceiro momento vamos entender e analisar a importância do Memorial da UFRPE. E por fim, descrever e analisar as ações educativas e jogos didáticos utilizados dentro do espaço para compreender o seu papel social através das ações educativas.

Para a realização dessa pesquisa foi necessária a leitura dos teóricos ligados aos campos da museologia e da história dos museus discutidos no primeiro capítulo. Nosso referencial teórico para construir essa discussão é composto por Cury (2003), Poulot (2013), Nascimento (2013) e Possas (2013), através desses autores buscaremos entender as funções e os processos percorridos pela instituição museu, que deixou de ser um museu visto “depósito de coisas” para o museu visto como “expositivo de valores”.

Utilizando no segundo capítulo autores como Siqueira (2010) e Araújo (2013), assim como a ata da primeira sessão da congregação da Escola Agrícola e Veterinária do mosteiro de São Bento de Olinda, e o primeiro Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária do Mosteiro de São Bento em Olinda, no intuito conhecer os processos de constituição da UFRPE e compreender a sua importância, para que houvesse sentido a construção de um Memorial para esta universidade.

Para a discussão sobre o Memorial da UFRPE utilizaremos teóricos ligados aos campos da Memória, Educação em Museus, ensino de História em Museus e Educação Patrimonial como Horta (1999), Almeida e Vasconcelos (2006), Candau (2008), Oliveira (2008), Abud (2010), Pacheco (2010), Circe Bittencourt (2011), Guimarães (2012).

Após esse levantamento apresentamos as ações pedagógicas e os jogos didáticos desenvolvidos no Memorial da UFRPE. Os registros materiais dessas atividades estão disponíveis no site [www.memorial.ufrpe.br](http://www.memorial.ufrpe.br).

Através disso dessas referências construiremos uma justificação do papel social do Memorial da UFRPE através da identificação das ações didáticas e dos jogos didáticos.

## **2. OS MUSEUS E A IDENTIDADE DAS INSTITUIÇÕES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

### **2.1. O Museu moderno**

Com a complexificação das sociedades modernas criam-se diversas práticas e instituições para evocar suas lembranças, relatar e guardar seu passado de forma sistemática, bem como manter presente aquilo que julga como importante para a percepção da sua transformação interna e da sua relação com outras comunidades, nesses ou em outros tempos. A instituição museu surge e se desenvolve desta necessidade da preservação do que foi selecionado e reunido como representativo do conhecimento de uma determinada comunidade. E, mais recentemente, diversas instituições também passaram a estabelecer estratégias de preservação e divulgação de sua memória.

Na busca de analisar o lugar do museu na sociedade é necessário que olhemos para ele como prática social que ao longo do tempo foi agregando novos significados e funções na sociedade.

Inseridos nessa discussão, entendemos as funções da instituição Museu através da definição de Mario Chagas:

Selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo num outro tempo, como o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas, parecem construir as ações que, num primeiro momento, estariam nas raízes dessas práticas sociais a que se convencionou chamar de museus. (2009, p. 22)

Essa ideia nos permite compreender que são as ações do museu junto a sociedade que evidenciaram a sua importância. Ou seja, o museu existe por e para estabelecer uma relação entre sua comunidade e objetos significativos de sua cultura.

As primeiras concepções formadas a respeito do que hoje chamamos de museu se constituíram a partir do ato de reunir objetos e lhes atribuir significados culturais evidenciando a ação de evocar lembranças e memórias sobre os conhecimentos históricos, científicos, artísticos que esses objetos materializam. Em

Dominique Poulot temos uma interpretação comum que associa a instituição museu ao Templo das Musas da mitologia grega:

O termo “museu”, segundo a etimologia clássica, remete a uma pequena colina, o lugar das Musas. A genealogia tradicional do museu evoca, de bom grado, o testemunho do geógrafo Pausânias, que, em sua *Descrição da Grécia*, fala de um pórtico na ágora de Atenas que era uma espécie de museu ao ar livre, assim como da *Pinacoteca dos Propileus*, na Acrópole. (2013, p. 15)

Nessa representação, oriunda da antiguidade, se produz um duplo estereótipo: museu como conservatório do patrimônio e da civilização. E o museu como escola das ciências e das humanidades. Mas em ambas está presente o ato de guardar para produzir lembrança.

Marília Xavier Cury (2005) lembra que, na mitologia clássica, Orfeu foi esfacelado por Eríneas e teve seu corpo espalhado pelo mundo através de um sopro. Coube a Museu, filho de Orfeu, resgatar toda a plenitude da poesia de seu pai recolhendo e ordenando suas partes. Afirma assim que museu não é um espaço, mas uma intencionalidade:

O museu do que falo, não é o lugar, o templo das musas que gerou a conceituação de museu-depósito de coisas. O Museu de que falo pensa no sentido das coisas no mundo e na vida e (re)elabora constantemente a sua missão poética. (2005, p. 22)

Nesses mitos de origem percebemos, novamente, o museu ligado ao Templo das musas. Mas agora como lugar que foi transformado, de depósito de coisas, em organizador das coisas do mundo. Em sentido metafórico o museu está ligado à recuperação, ao recolhimento e reordenação das coisas espalhadas no mundo.

Para entender a construção do significado moderno da instituição museu é preciso ter em mente esses sentidos mitológicos da ação de preservar. Manter em vista que a prática de guarda das coisas, de estudos dos objetos, de exposição dos bens culturais são práticas ontológicas.

Na sociedade ocidental o museu se insere no contexto da necessidade de preservação dos testemunhos da cultura material das sociedades que se percebem em transformação. Inicialmente exerceu um papel de guardião de acervos de natureza artística e documental de caráter privativo. Dessas coleções fechadas

pertencentes a indivíduos e organizações se converteu em instituições públicas – ou privadas abertas ao público – que ganharam importância juntamente com o pensamento científico ocidental durante a Era Moderna. A instituição museu, portanto, surgiu do interesse do colecionismo e se entrelaça com uma rica história do pensamento ocidental.

Segundo Silvania do Nascimento (2013) os primeiros gabinetes de curiosidades foram organizados pelos afortunados da Era Moderna que ajudaram a financiar as expedições exploratórias em diferentes regiões do mundo. Essas primeiras coleções eram de acesso restrito, eram exibidas aos visitantes acompanhados do próprio colecionador. Assim essas coleções se transformam em símbolo de poder do seu proprietário.

[...] Os gabinetes a princípio, revelam um sentido enciclopedista, uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos. Ainda não existe uma preocupação nítida com a classificação, a nomeação de tudo o que se descortina diante desses homens. Antes de qualquer coisa, trata-se de juntar, de colecionar objetos que dão a idéia da existência de “outros”. O ato de colecionar transfigura-se em compreensão de tudo o que há no mundo. (Gonçalves, 2013, p.159)

Segundo Helga Cristina Possas (2013) as coleções dos gabinetes dos séculos XVI e XVII eram organizadas em dois grandes eixos, o *Naturalia* e o *Mirabilia*. No primeiro eixo tinha-se exemplares dos reinos animal, vegetal e mineral. No segundo eixo era dividido em duas partes a primeira correspondendo a objetos produtos da ação humana e a segunda composta de antiguidades e objetos exóticos que remetem a povos até então desconhecidos das Américas e da Ásia, vendidos aos colecionadores por viajantes e marinheiros das expedições de exploração.

Com a consolidação da sociedade burguesa e dos Estados nacionais após o evento da Revolução Francesa a tradição do colecionismo fechado mudou. Nas jovens nações abriram-se as portas das grandes coleções formadas por relíquias religiosas e artes plásticas criando espaços para exposições de artes e ofícios.

Essa abertura das coleções produziu os museus modernos que assumiam a missão de reunir, apresentar e difundir os elementos identitários das jovens nações. A esse respeito diz Poulot:

A fundação dos museus nacionais, iniciada em grande parte pela Revolução Francesa, converte, em seguida, o direito de entrar no museu, em um direito do cidadão e, ao mesmo tempo, em uma necessidade para a identidade e para a reprodução de novas comunidades imaginárias. (2013, p. 59)

Segundo esse autor os museus nacionais, que se construíram na esteira das Revoluções Burguesas do século XVIII, são instituições com a missão de estreitar os laços identitários de seus visitantes a uma ideia de nação através da cultura material ali exposta.

Da Revolução Científica em curso foram acrescentados outros elementos para o universo expositivo: máquinas, artefatos e as descobertas recentes da ciência. Na sociedade moderna foi identificado um novo objeto a expor: os avanços da tecnologia. E um novo público visitante: o cidadão urbano no seu tempo de lazer.

Ao longo do século XIX os museus foram considerados como símbolos da nação tomada como coletividade. Todos os objetos que possuía eram de alguma forma, ligados a uma tradição cultural formadora da identidade nacional no seu passado, valorativo de seu presente e propositiva de seu futuro. Como percebemos em Poulot esse sentimento nacionalista revela-se em grandes acontecimentos:

[...] A evolução desse modelo cultural é o resultado de transferências e intercâmbio que acabaram assumindo a forma de imperialismo seja das cooperações reguladas pelo direito e pelas organizações internacionais. (2013, p. 64)

Ou seja, as narrativas nacionais construídas pelos museus tornam-se símbolos que contam a história do poder daquela nação diante das outras e para ela mesma. Organizadas com cada vez mais cientificidade, mas sem perder o caráter de ajuntamento. Os museus se transformam refletindo não mais um simples conhecimento enciclopedista, mas a uma memória específica que se deseja guardar. Aquela ligada as identidades nacionais homogeneizantes.

## **2.2. O Museu do mundo contemporâneo**

O Conselho internacional dos Museus (ICOM) é uma instituição criada no pós Segunda Guerra Mundial junto a UNESCO para discutir o papel dos museus no mundo contemporâneo apontando novas exigências de utilidade social para eles e para patrimônio. Para isso organizou diversas reuniões temáticas.

Em 1958 no Rio de Janeiro foi realizado o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus. Nessa reunião debateu-se a função educativa do museu, o papel das exposições como formadora de vínculo entre os museus e a sociedade.

Em 1972 ocorre uma mesa redonda em Santiago do Chile onde é introduzida a noção de “museu integral, isto é, levando em consideração a totalidade dos problemas da sociedade” e “do museu ação, instrumento dinâmico de mudança social”. Foram discutidos os conceitos que aprofundam o entendimento da instituição museu como lugar de debate e de problematização das diversas identidades que uma mesma sociedades comporta.

Atualmente as instituições museológicas buscam obedecer, com maior ou menor grau de conformidade, a definição do ICOM elaborada em 2007, aprovada pela 22ª Assembleia Geral em Viena:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.<sup>1</sup>

Com a Declaração de Caracas, organizada pelo ICOM em 1995, é construído o entendimento dos museus não apenas como fontes de informação ou instrumentos de educação, mas como espaços e meios de comunicação que buscam a interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais.

Com essas referências entendemos que o Museu não é mais o colecionador de poesias da antiguidade. Nem se limita a ser o colecionador de objetos exóticos, próprio da Era Moderna. Contemporaneamente o museu é compreendido como instituição cultural que se dedica a guardar os objetos para, por meio deles, estabelecer uma relação da comunidade com sua própria tradição cultural em diálogo com as demais tradições.

---

1 Conferência Geral do ICOM em Viena, em 2007. [icom-portugal.org](http://icom-portugal.org)

Para isso a instituição museológica se utiliza de uma seleção de objetos para constituir a sua exposição. É através dessas escolhas que promovem uma valoração da tradição cultural que se deseja ver ali materializada. Para alcançar esse objetivo utiliza a expografia que, no século XX, foi entendida por Marília Xavier Cury (2005, p. 27) como “a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento, metodológico e técnico para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma”.

Como podemos observar a expografia mudou o foco da exibição do objeto para a cultura que representa. Iniciou a produção de cenas próprias para a apresentação de objetos em seu contexto de uso e de significação cultural amplificando a possibilidade de percepção dos seus usos e valores.

Nesse mesmo momento o museu segue pelo caminho da expansão, da modernização e da criação para se sustentar em meio à crise econômica global do final dos anos sessenta. Com isso os grandes projetos de renovação e de construção de museus ocorridos nos anos oitenta foram encarados como estratégia de geração de renda para si e para sua comunidade. Segundo Figueiredo e Vidal (2013) neste momento os museus acabam entrando, junto com outros equipamentos culturais, na era da economia, da gestão, do marketing, da comunicação de massas, ou seja, direta ou indiretamente o museu foi visto como um negócio, aberto ao mercado de consumo de massas, para superar à crise econômica.

Por essa razão os museus criados nos anos 1990 buscaram valorizar as histórias locais em lugar das narrativas universais. Surgem também os museus temáticos como o museu da cachaça, o museu das medidas e de tantos outros objetos particulares. O discurso em torno do objeto exposto se tornou de grande importância, pois sua particularidade o tornava capaz de seduzir o público. Ou seja, “o museu deixa de ser elemento da paisagem urbana para se tornar um local de memória” (Nascimento, 2013).

Inteiramente reorganizado os espaços internos dos antigos museus tornaram possível a transformação do museu no local de hipóteses e dúvidas. A nova museologia procura estabelecer a comunicação entre o objeto e o visitante com base na análise de problemas contemporâneos.

[...] A relação entre o Homem e o Objeto ocorre em uma situação aprovada institucionalmente. O cenário institucionalizado que aqui está denominado como museu, atualmente, assume diversas formas. (...) Esse museu trabalha com certo aspecto da realidade e muitas outras coisas. (2005, p. 32)

Por conta dessa preocupação recorrente de estabelecer a relação entre o visitante e a exposição ocorre uma renovação nos museus nos anos 1990. Essa começa com o planejamento museológico ganhando uma unicidade, propondo uma busca de sentido a ser oferecida ao visitante no percurso da visita. Para isso é feito um estudo preliminar do todo e das partes que compõe a exposição. São montadas equipes arquitetônicas, educativas e museológicas.

Na virada para o século XXI uma nova tendência é tornar a exposição um lugar onde se encontram diferentes discursos, onde se produz discussões e trocas de visões sobre o mesmo objeto cultural exposto. Mas também vemos, na atualidade, os museus concorrendo com outros equipamentos culturais e de comunicação social nessa disputa pela narrativa sobre a identidade cultural da comunidade.

Num mundo onde a presença de novas tecnologias de comunicação como imagens, sons, luz e cores são obrigatórias o museu segue como um lugar de aprendizagem social. Mesmo identificando o museu como local de patrimônio, de coleções de objetos e de artefatos, entendemos que o museu é também um local de lazer, encantamento, diversão associada a procura por conhecimento.

### **2.3. As funções da Instituição Museu**

Como podemos perceber pelo debate anterior a definição contemporânea de um Museu deriva de sua tradição e, como já dito, todas as características apresentadas se baseiam nas funções que o museu já exerceu.

Dominique Poulot refere-se ao Joseph VeachNoble, então presidente da Associação Americana dos Museus, como identificador de cinco funções: colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor. E remete também a síntese do museólogo holandês Peter Van Mensch que evoca somente três: preservar, estudar e transmitir.

O museu é comumente identificado como depósitos de objetos que foram escolhidos para compor a coleção e formar a exposição. Isto foi confirmado através de sua história marcada por vários debates em cima de quais coleções os museus poderiam colecionar abrigar e expor ao público.

Mas a função de colecionar de um museu está interligada ao dever de conservar e preservar o objeto para ser posteriormente exposto. Esse vínculo entre museu e a conservação foi determinante para o desenvolvimento da instituição, pois alguns museus foram criados para evitar a degradação e a dispersão de alguns objetos que eram considerados patrimônio público.

Poulot nos dá o exemplo do que ocorreu na coleção dos Médices no século XVIII:

[...] Assim foi a estatização da coleção dos Médicis, após a morte do grande duque Gian Gastone (1671 – 1737), que abriu a via à conservação museal moderna dos *Uffizi*, cuja galeria acolhe os visitantes, em horário regulares, desde 1789. (2013, p. 22)

O princípio do museu a respeito da sua função de exposição se detém constantemente na busca de construir uma relação entre o objeto que é apresentado e o público que a observa através das referências compartilhadas pela comunidade.

Ao mesmo tempo o museu encontra no estudo e na pesquisa museológica uma forma de gestão como também uma forma de se comunicar com o objeto museológico e de realizar a comunicação dele com o público e com a exposição. A pesquisa no museu justifica porque adquirir o objeto, porque conservá-lo e por que o expô-lo. A pesquisa dá a direção da atividade documental que se detém e se produz por um museu. Todo o conhecimento produzido no museu busca criar uma associação entre a coleção, a equipe de conservação, a exposição e a comunidade local. Busca promover a identificação do objeto com a exposição.

E a pesquisa também possibilita a construção dos catálogos. Como exemplos Poulot narra a respeito dos catálogos produzidos pelo Museu Pio-Clementino e pela Galeria do Eleitor Palatino:

[...] O Museu Pio-Clementino, no Vaticano, dota-e a partir de 1782 de um catálogo exemplar, terminado em 1807, ao encargo de Giovanni Battista e Ennio Quirino Visconti. O grande catálogo da Galeria Eleitor Palatino, em

Dusseldorf, é publicado em 1778, em Basileia, pela empresa de Christian Von Mechel. (2013, p. 24)

Logo se verifica que o intuito da criação dos catálogos consistiu na promoção do Museu, como também acentua o caráter de lugar de estudo do Museu, pois sua realização somente é possibilitada pelas pesquisas realizadas pelas equipes responsáveis por criar a associação entre a coleção e construir a exposição.

Esses catálogos então produzidos nos séculos XVIII e XIX correspondiam ao inventário patriótico das riquezas do país, logo a história dos catálogos de museus coincide posteriormente com a história do livro da arte e da fotografia e também a do CD-ROM, por ser um meio de propagação.

O museu também é composto da exposição do que é preservado e estudado. Essa exposição é a marca da transformação do museu enquanto “depósito de coisas” para o museu como “expositivo de valores”. Consistindo não apenas em tornar visível, mas em oferecer condições para essa visibilidade, facilitando a compreensão e a comparação com outros objetos, a identificação de valores com a comunidade visitante. E tendo como característica a utilização de diferentes formas de expor para os visitantes, como por exemplo, o uso de dispositivos interativos ou de materiais explicativos.

Esses meios interativos contribuem para a notoriedade dos museus, permitindo a construção da originalidade do espaço museal através do olhar do visitante, visando não apenas o que está sendo exposto, ou qual a origem de suas coleções, mas como está sendo feita a sua comunicação. A respeito dessas transformações na forma de expor o objeto Marília Xavier Cury afirma que:

A transformação do museu autocrático, com suas exposições de enfoque taxonômico, e o museu comunicativo teve em seu bojo uma transformação na forma de se trabalhar: na primeira situação as exposições são concebidas por uma pessoa (ou centralizada em poucas pessoas) e eram contemplativas. Essas exposições eram organizadas com base na apresentação das estruturas classificatórias das coleções. [...] Na segunda as exposições são concebidas por equipes para serem compreendidas e provocarem uma atitude ativa no visitante. (2005, p. 37)

A partir disso compreendemos a exposição museológica como um espaço de construção de conhecimentos. Essa é auxiliada não apenas pelo objeto e pelo

mediador, mas pela disposição dos objetos exposto, diante disso sua forma de organização é que produz o sentido.

Do que foi exposto compreendemos que a construção museológica é realizada pela interação entre o museu enquanto depósito de valores culturais, como centro de pesquisa e espaço expositivo. Noutro sentido diremos que a exposição museológica tem a sua importância na conexão construída entre os objetos expostos e comunicados ao público. Ou seja, da compreensão do museu como um espaço expositivo de valores culturais.

#### **2.4. Constituição do Memorial da UFRPE**

O Memorial da UFRPE é um museu institucional mantido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, sediado na casa Ivan Tavares e criado pela resolução 65/84, do conselho Universitário e instituído como unidade administrativa vinculada a Pró-reitoria de Ações de Extensão pela resolução 80/90 do CEPE, nesses documentos as funções do Memorial da UFRPE são:

Pesquisar, coletar, identificar, recuperar, catalogar, conservar e expor documentos e outros objetos ligados as diferentes fases da vida da instituição, desde a criação de 'Célula Mater' a Escola Superior de Agricultura e Veterinária São Bento.

Propiciar à comunidade universitária, aos estudiosos e a sociedade de um modo geral, um acervo de elementos balizadores das ações e serviços prestados pela instituição à educação local, regional e nacional, notadamente na esfera do conhecimento teórico-prático-científico, ligados ao setor primário da economia.

Expor documentos e peças significativas de seu acervo que testemunhem as diferentes fases evolutivas da UFRPE. (UFRPE, 1984)<sup>2</sup>

Portanto, se observa nessa resolução administrativa a preocupação de manter viva a história da universitária e por ser importante o seu compartilhamento com aqueles que hoje a pertencem, esse espaço é preenchido pela memória social e de identidade correspondente a comunidade fundadora e pertencente, e com isso tendo que ser afirmada e transmitida essa identidade através da própria preocupação de não deixar ser esquecida essa história e trajetória.

A partir de uma percepção da instituição, composta por professores, técnicos e discentes representados nos colegiados da administração superior, de que as

---

2 UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Resolução do Conselho Universitário nº 64/84. Recife, 1984.

trajetórias e conquistas desenvolvidas pela universidade não poderiam ser esquecidas, logo se encontra a necessidade do surgimento e estabelecimento do Memorial da UFRPE.

Essa preocupação se insere na perspectiva museal descrita por Oliveira:

Os museus, hoje, têm públicos distintos e variados, que neles vão buscar bens e experiências capazes de construir suas identidades. São centros identitários, que acumulam as funções de conferir valor e de definir autenticidade como a de ser lugar de lazer, de consumo e de estetização do cotidiano, o que revaloriza o seu papel. Desse modo, os museus e o patrimônio agregam novas funções, ainda que continuem a construir e representar identidades locais, regionais, nacionais, globais. (2008, p. 147)

Logo através disto se percebe que o Memorial corresponde esse interesse de se realizar nos e com os museus, realizando não apenas a guarda, investigação e comunicação do acervo, mas busca refletir sobre as relações entre educação, memória e patrimônio histórico e investiga sobre as representações sociais constitutivas de identidade coletiva acadêmica.

Ao longo das atividades que foram importantíssimas para efetivação do projeto do Memorial da UFRPE, como arrumação do espaço da Casa, a montagem dos acervos, a procura de financiamento para os projetos e a equipe de bolsistas.

Em 2012 foi concebida e organizada uma exposição permanente que utilizasse a cultura material da UFRPE, com o tema “UFRPE 100 anos de Ensino, Pesquisa e Extensão.” Essa exposição, registrada em Pacheco (2017), busca mostrar documentos e objetos, conservados e guardados pelo Memorial que contam a história da UFRPE e, sendo assim, do ensino agrícola e do ensino superior em Pernambuco.

A respeito dos objetos que foram selecionados para compor essa exposição Pacheco afirma que:

Os objetos guardados em museus são alegorias do passado que se deseja lembrar. Isso significa que eles não são o próprio passado, mas objetos culturais selecionados e agrupados para produzir um dado discurso sobre o passado que atenda as demandas da comunidade de evocar o seu passado. (2017, p. 105)

Logo a escolha dos objetos para compor a exposição do museu institucional partiriam de uma seleção de valores que permitiriam ao público visitante evocar o passado através desses objetos.

A tríade universitária, ensino, pesquisa e extensão universitária, foi escolhida para ser a temática que construiu a expografia. Cada ação foi exposta separadamente e, de acordo com Pacheco (2010), na parte do ensino se encontra numa linha cronológica dos cursos de graduação, uma série de cadeiras e outra de projetores de imagens utilizados em diferentes períodos nas salas de aula da UFRPE. A parte sobre a pesquisa é composta por uma série de teodolitos e outra de microscópios, além da de vidros de ensaio. Já a parte de extensão é apresentada através de fotografias de diferentes ações empreendidas pela UFRPE, com um destaque para o conjunto de documentos sobre o “Projeto Pau-Brasil”, no qual está presente uma amostra de caule da árvore.

A exposição também faz referência aos três grupos da comunidade universitária: professores alunos e técnicos administrativos. Para isso são utilizados objetos em cima de mesas que remetem aos professores, alunos e técnicos administrativos. Há também expositores diferentes que apresentam informações e objetos que se referem ao hospital veterinário, à biblioteca, aos colegiados superiores, ao campus universitário e à cerimônia de formatura.

Quando nos referimos ao Memorial da UFRPE, nos deparamos com as suas ações na comunidade, na tentativa de preservar, expor, pesquisar, e dialogar com os visitantes a respeito das trajetórias e conquistas da mesma, entendemos também que está não é uma tentativa isolada de preservação de objetos que descrevem o passado através de sua exposição.

Nesse sentido é necessário um interesse da comunidade universitária da UFRPE para o passado permitido pelos materiais que representam sua memória, e de entender que todos os processos incluídos na construção da universidade são responsáveis por aquilo que se identifica como o Patrimônio Universitário, e excluir o pensamento de que os atuantes nessa concepção de patrimônio estão localizados apenas no passado.

### 3. A HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO E SUAS TRAJETÓRIAS DE MEMÓRIAS

#### 3.1. Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento

Quando nos referimos às transformações ocorridas na instituição Museu ao longo do tempo, percebemos que a partir delas foram construídas novas características sobre o entendimento do que é Museu para a comunidade que ele está localizado. Logo verificamos que ele não é mais entendido enquanto elemento paisagístico e sim um local que resguarda a memória dessa comunidade.

Portanto com o objetivo de compreender a importância de um Memorial para a Universidade Federal Rural de Pernambuco, se fez necessário a verificação da história dessa comunidade e compreender sua trajetória de construção de memória.

No dia 17 de novembro de 1911, o Abade D. Pedro Roeser reúne um grupo de interessados em fundar a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento. Essa questão é novamente aberta no dia 03 de novembro do ano seguinte numa reunião de congregação presidida pelo Abade D. Pedro Roeser com a participação de cinco monges e dois leigos alemães Dr. Hermann Rehaag e Dr. Johann Ludwig Nikolauss que tinham a função de preparar os monges para o magistério superior da Agricultura e da Veterinária<sup>3</sup>.

Sobre o esforço do Abade D. Pedro Roeser em instituir a escola no Mosteiro o Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil insere que:

Sem apoio governamental, o abade D. Pedro Roeser resolveu fundar a Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiro de São Bento de Olinda nas próprias dependências do Mosteiro de São Bento. Seriam duas escolas em uma, particulares, mas de ensino gratuito. Em 3 de novembro de 1912 houve o lançamento da pedra fundamental da instituição, e ao final de 1913 a obra foi concluída.<sup>4</sup>

Logo depois que a obra foi concluída, as matrículas para o curso preparatório foram abertas, porém só em 1º de fevereiro de 1914 que as atividades começaram com a inauguração de dois cursos, o de agricultura e o de medicina veterinária. Ainda no ano de 1913 a Escola de Veterinária já contava com 10 professores sendo

---

3 Ata da primeira sessão da congregação da Escola Agrícola e Veterinária do mosteiro de São Bento de Olinda. 03 de novembro de 1912.

4 Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiros De São Bento de Olinda. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 18 abril 2020. Online: Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

oito monges enquanto a Escola de Agricultura contava com outros seis sendo cinco monges (BRASIL, 1916).

Uma das dificuldades enfrentadas durante esse período foi a falta de profissionais especializados na área para assumirem as responsabilidades das disciplinas. Segundo o historiador e museólogo Bruno Melo de Araújo (2013) profissionais especializados nas Ciências Agrárias e alguns monges foram enviados para a Europa para se especializar em diversas áreas, pois eles ministravam quase todas as disciplinas. Porém mesmo que os profissionais da Alemanha fossem citados como professores e estivessem nas reuniões, eles não eram os professores responsáveis por uma disciplina específica, tinham as suas contratações periódicas por um ano.

Em 5 de maio de 1914, na 32<sup>o</sup> reunião os beneditinos levaram em consideração a mudança de local para o Engenho São Bento que se localizava na Estrada de Ferro Central de Pernambuco em São Lourenço da Mata. Em 1915, na então denominada Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento, foram eleitos os vice-diretores pelo professorado das escolas de agricultura e de medicina veterinária<sup>5</sup>.

Devido à impossibilidade de permanecer com a escola naquele local era necessário uma um novo local para a manutenção daquela abadia. Foi proposto que as escolas funcionassem separadamente, tendo uma vida independente, mantendo como ligação os princípios e as orientações. Nesse novo prédio seria construída uma estrutura própria para os estudos e as atividades do curso de Agronomia, porém com a necessidade de construção de dois estábulos a construção dessa estrutura foi adiada. Sobre a compra de um novo terreno para a Escola a historiadora Denize Siqueira (2010) afirma que:

[...] Os beneditinos em 1915 com ajuda oficial, compraram o Engenho de São Bento, localizado no distrito de Tapera, município de São Lourenço da Mata – PE, com uma área territorial de 1.071 hectares. Nele construíram as instalações da Escola Superior de Agricultura – ESA de São Bento. (2010, p.120)

---

5 Primeiro Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária do Mosteiro de São Bento em Olinda – Pernambuco 1913 – 1915.

As discussões sobre um terreno conveniente acontecem dentro do mosteiro desde 1913, porém apenas 1916 que o mosteiro aprovou a mudança de local da Escola. Contudo devido a problemas orçamentários apenas em janeiro de 1917 sua transferência foi efetivada, e as aulas iniciaram no dia 03 de março. Segundo o Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde em janeiro de 1917, o curso de agricultura foi transferido para o Engenho de São Bento, então de propriedade da Ordem Beneditina o principal motivo para a mudança de local foi a disposição de um local para as aulas práticas que o engenho possuía.

Porém só em março de 1917 quando a primeira ala do edifício construído para o ano letivo ficou pronta que as duas escolas foram desmembradas, essa separação da comunidade beneditina de Olinda já acontece desde fevereiro do mesmo ano, quando o então diretor das duas escolas abdicou da gestão do engenho de São Bento<sup>6</sup>.

Acerca dos primeiros eventos que ocorreram depois da mudança do local o historiador Bruno Araújo descreve que:

No dia 11 de janeiro de 1917, reunindo-se na Escola Superior de Medicina Veterinária, receberam o grau de médico veterinário: Francisco Xavier Pedrosa, Armando Mais e Silva, Manoel de Barros Bezerra e Benjamim Cavalcanti de Melo. [...] No dia 11 de janeiro de 1917, foi conferido o grau de bacharel em Engenharia Agrônoma a Gabriel Castello Branco, Ulisses Cavalcanti de Nello, Filipe Carneiro Vieira da Cunha, Renato de Gusmão Neves e Octavio Cabral de Vasconcelos. Conferia-se também o grau de agrônomo a Armando Bandeira de Melo, Fernando da Rocha Cardoso, João G. Carneiro, João H. de Carvalho e Salvador Nigro. (2013, p. 82)

Entende-se que grandes nomes do ramo agrícola brasileiros foram formados pela iniciativa privada dos beneditinos. Nas mãos dos beneditinos também se percebe que não houve presença da elite agrária pernambucana na construção da instituição. Portanto a EAMVSB foi um grande passo para o Ensino Agrícola em Pernambuco e também para a área de Medicina Veterinária, pois desde sua fundação até as demais modificações o ensino revelou grandes resultados.

No ano de 1918 as congregações das duas instituições, da Escola Superior de Medicina Veterinária de São Bento e da Escola Superior de Agricultura do

---

6 Terceiro e Quarto Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária do Mosteiro de São Bento em Olinda – Pernambuco 1917-1918.

Engenho de São Bento, decidiram no mês de dezembro assumir a denominação de Escolas Superiores de Agronomia e Medicina Veterinária São Bento para ambas as escolas.

O curso de veterinária permaneceu na cidade de Olinda com 19 alunos matriculados, e por conta da falta de candidatos ao curso assim como de corpo docente, em 1922 foi cogitado o encerramento da Escola Superior de Medicina Veterinária de São Bento, o que resultou no seu fechamento em 1926, na última turma formada pela escola tinha 4 alunos.

Entre os formados na concepção de estudo de treinamento dos beneditinos “on the job”<sup>7</sup>, então alguns dos que foram posteriormente detentores da cátedra na Escola Superior da Medicina Veterinária da Universidade Rural de Pernambuco, entre eles estão Armando Maia e Silva, Artur Lopes Pereira, Guilherme Álvares de Carvalho, José Wanderley Braga, Almir Pires Ferreira e Carlos Cavalcanti Paes<sup>8</sup>.

### **3.2 Escola Superior de Agricultura de Pernambuco**

Em 1936 o Engenho São Bento foi desapropriado com os seus bens, vinculando-se a Secretária Estadual da Agricultura, indústria e comércio passando a denominar-se Escola Superior de Agricultura de Pernambuco financiado e mantida pelo governo.

O que estava faltando para o próximo passo de efetivação da nova gestão era a criação de uma nova regulamentação para Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, Essa nova regulamentação estabelece um padrão para as profissões de nível superior no país, ou seja, a certificação e validação dos cursos para serem equiparados aos diversos cursos que já existem, produzindo então um padrão mínimo para que os cursos pudessem seguir, como exemplo o que queria que acontecesse com a ESAPE, o intuito era fazer com que a sua estrutura fosse equiparada a Escola Nacional de Agronomia, criada em 1934.

---

7 Este termo designa o treinamento realizado no local de trabalho.

8 Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiros De São Bento de Olinda. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 18 abril 2020. Online: Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

A escola teve o seu regulamento aprovado por meio do decreto nº 22, de 23 de abril de 1937<sup>9</sup>, e depois de dois anos a instituição foi transferida para uma fazenda em Dois Irmãos no Recife, no qual permanece nesse espaço até os dias de hoje, criando então um novo regulamento foi aprovado em 14 de fevereiro de 1947<sup>10</sup>.

Segundo Bruno Araújo (2013) neste documento foi estipulado um prazo de um ano para que as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária pudessem se adequar a esse regulamento proposto pelo Ministério e Agricultura. Então a partir dessas novas exigências federais para o ensino agrícola, a Escola Superior de Agricultura de Pernambuco procurou as melhores formas se de adequar a essas afirmações em âmbito federal.

Como vemos a atual Universidade Federal Rural de Pernambuco já Teve diferentes formas para se manter e teve diferentes nomes. Iniciando suas atividades em 1912 como ESAVSB e sendo mantida pela Ordem Beneditina, em 1936- foi comprada pelo Governo do Estado de Pernambuco e passou a se chamar ESAPE;

Em meio à reorganização da educação durante a República Populista (1945-64) surge o decreto estadual nº 1.741, de 24 de julho de 1947<sup>11</sup> que instala junto a ESAPE a Escola Superior de Medicina Veterinária, o curso de Magistério de Economia Doméstica Rural e a Escola de Agrotécnica de São Lourenço da Mata.

Através dessas novas estruturas de atividades uma nova forma de organização do ensino agrícola foi construída na ESAPE, e em 1943 a escola passou a ser oficializada, e foi equipara a Escola Nacional de Agricultura e a colocou na lista entre as instituições amparadas pela União, sendo nomeada de URPE.

Em 1955 a URPE foi federalizada e passou a integrar o Sistema Federal de Ensino Agrícola Superior do Ministério da Agricultura. Com o decreto nº 60.731, de 19/05/1967, a instituição passou a denominar-se Universidade Federal Rural de Pernambuco.

---

9 Regulamento da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, 1939. Imprensa Oficial: Recife. Acervo: Memorial da UFRPE.

10 Regulamento da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, 1947. Imprensa Oficial: Recife. Acervo: Memorial da UFRPE.

11 Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiros De São Bento de Olinda. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 18 abril 2020. Online: Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

### 3.3. Pensando a Memória Institucional

Diante da intenção de buscar enfatizar a importância de valorizar o patrimônio universitário é necessário lembrar que a preservação do patrimônio cultural realizada por instituições públicas, é considerada uma prática recente, as primeiras diretrizes ocorrem na década de trinta do século XX, principalmente nos países europeus. Nesse sentido analisaremos a preocupação em salvaguardar os bens culturais, para que se tenhamos um sentido mais aprofundado do por que se preservar.

Então, foram buscadas formas de ressaltar que a UFRPE por conta de sua história composta de grandes processos, pudera enquanto comunidade acadêmica se elencar aos meios evocativos de memórias para compreender que a identificação cultural com as Escolas superiores de São Bento ou com todos os processos de estadualização e federalização correspondente a formação da identidade que hoje se possui. E, portanto perceber que é através da preservação que a universidade evoca as suas lembranças e as trazem para o presente, não entendidas como unicamente vinculados ao passado. Pois entendemos com Dominique Poulot (1956) que o patrimônio não é passado, já que a sua finalidade consiste em certificar a identidade e em afirmar valores, além da celebração de sentimentos, se necessário, contra a verdade histórica.

Logo é compreendido que são todos os passos feitos pela UFRPE que constrói hoje o entendimento que temos por ela. Desde a ESAMVSB, a ESAPE, e URPE e a sua federalização. Esses processos são responsáveis pelo firmamento do projeto de ensino agrícola em Pernambuco e podemos também entender que o mesmo processo foi responsável para o desenvolvimento da memória coletiva da comunidade universitária.

Quando entendemos o que Pacheco (2017) quis abordar ao escrever sobre o Patrimônio Cultural e a Memória Social como uma junção de práticas imateriais e objetos materiais selecionados por uma determinada comunidade que tem o objetivo de representar sua identidade coletiva.

Percebemos que para a comunidade acadêmica é de grande relevância a criação de mecanismos de preservação que possibilitem que a comunidade local

tenha conhecimento das trajetórias desenvolvidas pela universidade, dessa forma construindo o fortalecimento da identidade.

Como lemos, nossa querida universidade que carinhosamente chamamos de “Rural” já teve diferentes nomes e ambos os autores descrevem a trajetória da Universidade analisando os diferentes responsáveis para a sua formação em diferentes momentos, mas sempre destacando a importância de todas as fases evolutivas.

Com base na bibliografia citada julgamos que uma ação educativa voltada a valorização dos bens culturais da comunidade – como a exposição – deve divulgar esses diferentes nomes, mas sem desconsiderar que toda a comunidade chama a universidade de “Rural.”

## **4. O PAPEL SOCIAL DO MEMORIAL DA UFRPE**

### **4.1. Educação e museus**

A comunidade acadêmica Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) tem a sua origem na Escola Superior de São Bento de Olinda- PE. Ela passou por diferentes momentos que permitem que ela seja o que hoje conhecemos. Diferentes integrantes atuaram para essa expansão como os monges beneditinos, professores, alunos, técnicos e o próprio Governo do Estado e da União. São esses agentes que foram responsáveis para o que hoje carinhosamente conhecemos como a “Rural.” Portanto é pertinente que busquemos compreender a sua trajetória e as memórias que formam essa identidade.

Os materiais que servem para evocar as lembranças do crescimento da UFRPE ao longo do tempo devem ser resguardados para que através deles a memória do processo de sua fundação e efetivação possa ser transmitida e compartilhada com os estudantes, professores, técnicos e a comunidade que reside ao seu redor. Essa atividade de guarda e preservação está concentrada no Memorial da UFRPE.

Através disto é interessante mencionar o museu como um lugar privilegiado guarda. Sua função dá suporte à memória coletiva, sustentando a sua identidade simbolicamente através dos objetos que nesse museu é preservado. Sabendo que esses objetos foram escolhidos pela própria comunidade mantendo relação com o presente, por ser valorado através dos mesmos elementos pertencentes dessa comunidade por serem importantes de serem guardados.

A comunidade que estamos analisando corresponde a comunidade acadêmica que compõe a Universidade Federal Rural de Pernambuco, que através do Memorial da UFRPE asseguram a preservação dos seus objetos de conhecimento, em que por esses materiais se conhece e se compartilha um pouco mais de suas trajetórias e conquistas.

Kátia Abud (2010) argumenta que o papel social dos museus na atualidade se define a partir de sua função educativa. A respeito do papel educativo Guimarães insere:

Os museus são frequentemente lembrados como “locais”, “espaços culturais” que cuidam da preservação da memória dos povos. Os museus grandes ou pequenos constituem importantes espaços de aprendizagem contribuindo significativamente para o conhecimento, o respeito e a valorização do patrimônio sócio-histórico e cultura dos povos. (2012, p. 383)

Ou seja, percebemos nessa citação que os museus já surgirão incumbidos da responsabilidade de ensinar, sendo um espaço construído para produzir conhecimento, a aprendizagem não poderia está separada das funções de um museu para a sociedade. Esse papel social do museu não é uma criação para os museus atuais, mas se insere nos museus desde a sua formação e no que ele significa para a sociedade.

O Memorial da UFRPE, busca se afirmar na possibilidade de construir um papel educativo entre suas funções, pois entendemos que essa instituição tem como um dos seus pilares, contribuir para a construção de conhecimento. Podemos observar isso nas ações desenvolvidas pela equipe do Memorial como exemplo: a visita guiada, o jogos didáticos, as participações na feira de profissão da UFRPE, a participação da equipe na Expotec, a realização de eventos dentro do espaços com minicursos e cursos de extensão no Memorial.

Além disso, busca se adequar de acordo com a necessidade de seu público. Vemos que o Memorial se apropria desse debate pois recebe visitantes muitas vezes discentes dos cursos de licenciatura da UFRPE, como licenciatura plena em História, licenciatura em letras e discentes do curso de pedagogia. Portanto é considerada uma necessidade primeira que o Memorial da UFRPE contribua para a formação docente destes visitantes imersos na cultura material e nos museus, o memorial contribui com essa formação quando se observa as ações educativas e jogos didáticos produzidos e aplicados com os visitantes.

#### **4.2. O Memorial da UFRPE e a Educação Patrimonial**

Almeida e Vasconcelos (2006) possuem uma opinião muito importante a respeito da ação educativa nos museus, pois consideram que a ação educativa em um museu não devem estar centradas nas exposições apenas mas, estas se comportam como suportes ao aparato comunicativo que existe dentro de um museu.

Não consideramos que a ação educativa em museu deva estar centrada apenas nas exposições, mas que estas são os suportes essenciais que permitem e aproximam a relação com o público em geral, e o escolar em particular. O contato com esses documentos materiais, a partir do suporte comunicativo das exposições, permiti-nos inserir questões relativas à constituição de uma memória e da preservação de um passado. (2006, p.107)

Deveremos compreender com os autores que a Memória é objeto de conhecimento, e é utilizada nos museus a partir do suporte comunicativo das exposições que ele possui. A exposição material é um desses suportes, ou seja a mediação ao espaço é outro, as ações educativas correspondem a outro suportes comunicativo e tudo isso auxilia no processo de compreender e de perceber a memória como um objeto de conhecimento.

Sobre isto evidenciamos que umas das ações educativas do memorial corresponde na mediação ao espaço e na exposição, possibilitando que o visitante conheça o Memorial e se identifique com os objetos expostos. A nossa perspectiva é a de que a memória seja entendida enquanto objeto de conhecimento, assim como nos descreve Almeida e Vasconcelos, e que, aliados com o processo de transformação dos museus, possamos contribuir também com o aprendizado dentro dos museus, entendido como educação patrimonial.

De acordo com Lúcia Lippi Oliveira esses processos de transformações que os museus passam:

O seu papel educativo do público também vem sendo rediscutido. Tornou-se relevante a questão do aprendizado em museus, a chamada educação patrimonial, a ser introduzida no currículo das escolas. A educação patrimonial, ou seja, o processo permanente e sistemático de educação, tomando o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, vem merecendo a atenção de trabalhos desenvolvidos nas áreas de artes, comunicação, ciências naturais e história. (2008, p. 147)

Entendemos que o conceito de educação patrimonial utilizado é formulado por Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg, Adriane Queiroz Monteiro em 1999 no seu guia básico de educação patrimonial. Assim como Lúcia Lippi Oliveira, nós também nos apoiamos deste conceito para construir o papel educativo do Memorial, pois buscamos o enriquecimento individual e coletivo dos visitantes, contribuindo para a construção de um museu enquanto lugar de aprendizagem.

Guimarães (2012) afirma que esse processo educativo vem favorecendo discussões sobre identidade, noção de pertencimento, valorização das diferentes culturas sem distinção, hierarquia e discriminação que possa classificar umas como melhores que as outras. Entendemos que esse processo alfabetização e aprendizagem histórica não ocorrem longe das propostas de um museu para uma comunidade, mas atua constantemente possibilitando ao visitante uma nova compreensão história.

Diante isto Circe Bittencourt afirma também que:

O potencial educativo dos museus tem proporcionado práticas educativas diversas, visitas monitoradas, oficinas, construção de kits com objetos museológicos emprestados às escolas, especialmente para os alunos do curso noturno com poucas possibilidades de visitas a essas instituições. (2011, p. 356)

A autora também afirma que uma das preocupações da educação patrimonial origina-se da necessidade de refletir sobre o que tem sido constituído como memória social, como patrimônio da sociedade, e no questionamento sobre se o resgate da memória de todos os setores e classes sociais se tem efetivado de fato.

O Memorial da UFRPE se apropria desse reflexão teórica e o insere no contexto universitário, formulando propostas e práticas educativas que dialogam com seu público visitante estudante/pesquisador. Podemos ver essa prática na produção bibliográfica produzida pela sua equipe “Os museus e a Identidade das Instituições no mundo contemporâneo” (2018) “A Instituição e sua Memória: A importância do Memorial da UFRPE” (2018). “Memorial da UFRPE: Formas alternativas para divulgação da Memória Institucional através de Ações educativas e Jogos didáticos (2018)” “A Instituição Museu e a importância de um memorial para a Universidade Federal Rural de Pernambuco” (2018) Memorial da UFRPE: Estratégias de divulgação da memória Institucional (2017).

Na tentativa de representar a memória da universidade, dos setores e dos processos responsáveis pela sua constituição, o memorial une está ação à crença nas possibilidades educativas do seu espaço. A utilização de ações educativas e jogos didáticos dentro do Memorial, como forma de educação patrimonial, corresponde a uma ferramenta de construção do conhecimento crítico e propõe a

apropriação da comunidade sobre o patrimônio da UFRPE através de diversas atividades.

Aqui faremos a descrição e análise da mediação da exposição, dos jogos didáticos desenvolvidos e utilizados pela equipe. Dessa forma constitui-se um fortalecimento do sentimento de identidade e preservação para aqueles que através de uma aprendizagem histórica dão um novo significado a Casa Ivan Tavares, o espaço ao entorno e a própria universidade.

Na condição de bolsista de extensão vinculada ao Memorial da UFRPE realizamos as atividades de mediação da exposição. O que segue é um descrição reflexiva do roteiro utilizado nessa recepção.

### 4.3. Mediação

Ao chegar ao memorial os visitantes são recebidos pela equipe e apresentados a área externa do memorial, para que eles observem o entorno da Casa Ivan Tavares que sedia o memorial e sobre a instituição do Memorial. Ao ser levados para a exposição uma mediação é realizada em cada parte da exposição:

#### 1. Mediação aos calouros da UFRPE



Iniciamos pela área do ensino observamos uma linha cronológica dos cursos de graduação feita pela equipe, a exposição de cadeiras e outra de projetores de imagens utilizados em diferentes períodos nas salas de aula da UFRPE com eles podemos compreender e identificar aspectos relacionados com a evolução do ensino ao longo das décadas no Brasil.

Posteriormente seguimos aos outros dois aspectos da tríade universitária, a pesquisa e a extensão, e conversamos sobre como podemos verificar as inovações tecnológicas que favoreceram as pesquisas universitárias, através de um armário que pertenceu a ESMVSB contendo teodolitos, microscópios e os vidros de ensaio.

Na questão da extensão universitária falamos um pouco do nosso projeto de extensão e relacionamos aos objetos que estão nessa parte da exposição, pois são cartilhas de projetos como o projeto pau-brasil e as fotografias de diversas ações realizadas pela UFRPE.

O memorial também possui uma sala menor que contamos para retratar os grupos que compõem a universidade. Nesta sala montamos três mesas cada mesa tem a função de retratar algum dos primeiros objetos que construíam o ambiente dos técnicos administrativos, alunos e professores que compõem a universidade.

A mesa dos técnicos é representada por uma máquina de datilografia e um telefone. A mesa dos professores possui mimeógrafo, cadernetas de frequências encontradas de alguns departamentos da universidade. A mesa dos alunos possui alguns disquetes que fazemos uma analogia com os novos e modernos pendrives que os visitantes utilizam e algumas monografias que foram encontradas.

A exposição ainda possui uma ala composta com quatro cadeiras dos colegiados superiores, uma maquete construída para representar o campus universitário, dois expositores com medalhas e diplomas.

Após a mediação os visitantes são trazidos para a sala do educativo onde montamos para algumas atividades com jogos educativos. Como já foi mencionando a maioria dos visitantes que compõem o nosso curso, são muitas vezes discentes de cursos de licenciatura e pedagogia da universidade, logo ressaltamos a importância da realização desses jogos após a visita guiada.

## 2. Sala do educativo do Memorial da UFRPE



Acervo Pessoal

Alguns dos jogos que elaboramos como estratégia de divulgação da memória institucional são eles: o jogo dos sete danos, o jogo da memória, o quebra cabeça e jogo do quadro.

Registros fotográficos dessas visitas assim como esses jogos tem a sua versão online podendo ser jogada no site do Memorial da UFRPE: [www.memorial.ufrpe.br](http://www.memorial.ufrpe.br).

Buscamos entender que a comunicação dentro do Memorial com a execução de jogos e atividades didáticas corresponde a um processo educacional que estimula e facilita a interação entre a comunidade visitante e a equipe responsável pela manutenção do memorial e elaboração das atividades e possibilita a troca de conhecimentos. Essa forma alternativa de Educação Patrimonial pode ser utilizada em outros espaços museológicos e locais de patrimônios e de manifestação de cultura.

#### 4.4. Jogo dos sete danos

Este jogo consiste numa versão adaptada do jogo dos setes erros.

Através da representação de dois teodolitos existentes no acervo do Memorial, os jogadores precisam analisar as danificações em um teodolito e compará-lo com o outro menos danificado, realizaram as marcações no papel.

A proposta do jogo se concentra em sua tarefa principal, conscientizar os jogadores sobre a importância de se preservar o patrimônio sócio-histórico-cultural através da realização de uma reeducação patrimonial sobre por que e como conservar os objetos de um museu?

O jogo funciona em duas partes: a primeira é a observação da imagem impressa de dois teodolitos que estão na sala de exposição, o que se pede no jogo é que analisem os dois microscópios e perceba onde estão as danificações que possui um objeto, enquanto o outro está mais conservado e possui uma quantidade menor de danos adquiridos pela falta de conservação, por isso o nome do jogo.

Os jogadores podem observar a imagem no papel como também analisar os próprios teodolitos na exposição do memorial. No final de cada jogo segue uma pergunta direcionada aos jogadores: O que fazer para manter as peças de um memorial bem conservadas?

Primeiramente com esse jogo devemos entender que “cada objeto ou evidência da cultura traz em si uma multiplicidade de aspectos e significados” (Horta, 1999, p. 8). Dessa forma buscamos observar nos objetos as informações que podemos obter com ele, primeiramente dentro da visita guiada por que eles estão expostos, e secundamente nos jogos. Aplicamos a metodologia de Educação patrimonial instruída por Horta, Evelina e Adriana em que:

Neste processo de etapas sucessivas de percepção, análise e interpretação das expressões culturais é necessário definir e delimitar os objetivos e metas da atividade, de acordo com o que se quer alcançar, e com a natureza e complexidade do objeto estudado (1999, p.8)

Adaptamos essas etapas aos objetos e atividades possíveis com eles dentro do espaço do Memorial, junto com visitantes, seja alunos da universidade ou

secundaristas, observamos os dois teodolitos, os principais aspectos físicos/materiais, sua função/uso, que forma possui esse objeto, que valor/significado esse objeto possui. Esses questionamentos serão realizados com o auxílio do a primeira fase do jogo, em que eles procuraram os danos nos objetos e farão os seus registros.

## JOGO DOS SETE DANOS

### Memorial da UFRPE

Observando a imagem marque sete danos nas peças.  
Depois escreva porque as peças sofreram estes danos.



Após a percepção deverão analisar a problemática levantada pelo jogo, levantar hipótese, discutir, e registrar por escrito ou da forma que preferirem suas repostas, para através disso em conjunto desenvolver capacidades de análise e do julgamento crítico, para assim também interpretar e dar significado as evidências.

#### **4.5. Jogo da memória**

O jogo da memória do memorial é realizado com as fotografias impressas e recortadas de alguns objetos que possui na exposição do memorial: Um par de teodolitos, telefone, cadeira, uma balança, um pedaço de pau-Brasil, um diploma, dois super projetores de imagem com modelos diferentes, consistindo oito pares, ou seja, dezesseis peças.

O jogo tem como o intuito buscar; um olhar mais atento ao objeto e ao que ele quer contar na exposição, ele pode ser utilizado antes ou depois da visitaçãõ fazendo que o visitante realize previamente a construção de identificação com a exposição que irá visitar, ou após a visitaçãõ na tentativa de reafirmar a memória do visitante os objetos observados.

Jogado com duas pessoas, inicia com as cartas viradas a mesa de cabeça para baixo e o primeiro a iniciar necessita encontrar um par de objetos, caso não encontre ele retorna com as peças à mesa e o próximo a jogar realiza a mesma ação para encontrar os pares até as peças que se encontram na mesa terminarem.

Ao finalizar o jogo é realizada uma conversa com a dupla, sobre os objetos que estão no jogo, sobre onde eles estão na exposição, qual o sentido desse objeto na exposição, e se já tinha visto em algum outro lugar, se alguém de sua família possuiu.

Outras versões de jogos podem ser realizados com as peças desse mesmo jogo, como por exemplo pedir para que cada integrante escolha uma peça do jogo e encontre na exposição depois da visitaçãõ guiada, e realize a sua mediaçãõ sobre ele, enfatizando a sua aproximaçãõ com esse objeto, por que ele escolheu, por que o chamou atençãõ, se ele já tinha visto algum objeto desse tipo. Só não podemos deixar a imaginaçãõ faltar na hora de jogar com as peças.

# JOGO DA MEMÓRIA

Memorial da UFRPE

Laboratório de Estudos e Intervenção em Patrimônio Cultural e Memória Social  
www.memorial.ufrpe.br



## INSTRUÇÕES

Imprima duas vias desse material  
Aplique papel contato sobre uma ou as duas faces da impressão  
Recorte as peças de acordo com a linha pontilhada  
Em seguida é só jogar



Acervo: Memorial da ufrpe  
Acessado no site: [www.memorial.ufrpe.br](http://www.memorial.ufrpe.br)

Esse jogo é muito interessante pois utilizamos diversos autores ao criarmos metodologias e defendermos o seu uso, o Guia de Educação Patrimonial por exemplo, pois Horta (1999) insere que devemos entender que o objeto mais comum grandes informações, como uma cadeira por exemplo, podemos criar grandes discussões sobre o seu contexto, trocar informações, e construir meios para produção de conhecimento.

O objeto mais comum de uso doméstico ou cotidiano pode oferecer uma vasta gama de informações a respeito do seu contexto histórico-temporal, da sociedade que o criou, usou e transformou, dos gostos, valores e preferências de um grupo social, do seu nível tecnológico e artesanal, de seus hábitos, da complexa rede de relações sociais (1999, p. 10)

Unimos a perspectiva de educação patrimonial de Horta, Evelina e Adriana com os recursos didáticos do Memorial e percebemos que a observação e o questionamento ao objeto através de apontamentos e perguntas são fundamentais para o fortalecimento daquilo que as autoras chamam de “alfabetização cultural”

(1999, p. 4) dentro do Memorial. Portanto da mesma forma que não deixamos de lado nenhum questionamento feito, não deixamos de lado nenhum objeto exposto.

#### **4.6. Jogo do quadro**

O jogo do quadro é inspirado no quadro de Lula Cardoso Ayres que se encontra no salão de atos no prédio central na UFRPE. O Quadro é uma representação das atividades econômicas desenvolvidas em Pernambuco em meados do século XX quando ele foi pintado: a cana-de-açúcar no litoral, a algodão e o café no agreste e a pecuária no sertão.

Desse quadro foi realizada uma versão adaptada que é possível remover os personagens do quadro e colocá-los novamente e está situado na sala de exposição no memorial. O jogo foi realizado através dessa versão do memorial, produzimos um jogo então em menor escala para os visitantes jogarem na sala de jogos.

O jogo pode ser jogado individual ou em dupla. Ele traz ao fundo do quadro em um plano e os personagens já recortados para que através da memória do quadro no salão de exposição, eles possam montar novamente o quadro colocando os personagens recortados.

O quadro é bem emblemático para os alunos da UFRPE, uma das primeiras imagens que temos da universidades quando chegamos, e como já dissemos antes nenhum objeto é deixado de lado. Portanto o Memorial utiliza ao o Jogo do Quadro aliado a perspectiva da apropriação percebida em Horta (1999), ou seja fazendo uma recriação do quadro buscamos o “envolvimento afetivo, internalização, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural” (Horta, 1999, p. 9).

Além disso ela insere que deveremos decidir que habilidades, conceitos e conhecimentos queremos que os alunos adquiram, portanto além da realização do jogo, o intuito é realizar um diálogo sobre como o quadro retrata a agropecuária pernambucana, narrando através dele a monocultura de cana no litoral pernambucano, a plantação do algodão e do café na zona da mata, a pecuária bovina no agreste e a vegetação árida do sertão.

## 1. Parte 1 do Jogo do quadro

**JOGO DO QUADRO**  
Memorial da UFRPE

Laboratório de Estudos e Intervenção em Patrimônio Cultural e Memória Social  
LEPAM  
www.memorial.ufrpe.br

**INSTRUÇÕES**

Imprima as 3 páginas desse material  
Recorte as peças da página 3 e posicione sobre o quadro da página 2  
fazendo a leitura do quadro da página 1



Acervo: Memorial da Ufrpe  
Acessado no site: [www.memorial.ufrpe.br](http://www.memorial.ufrpe.br)

## 2. Parte 2 do Jogo do quadro

**JOGO DO QUADRO**  
Memorial da UFRPE

Laboratório de Estudos e Intervenção em Patrimônio Cultural e Memória Social  
LEPAM  
www.memorial.ufrpe.br

**INSTRUÇÕES**

Reposicione as peças móveis sob o quadro  
Justifique seu posicionamento



Acervo: Memorial da Ufrpe  
Acessado no site: [www.memorial.ufrpe.br](http://www.memorial.ufrpe.br)

### 3. Parte 3 do Jogo do quadro

**JOGO DO QUADRO**  
 Memorial da UFRPE  
 Laboratório de Estudos e Intervenção em Patrimônio Cultural e Memória Social  
 LEPAM  
 www.memorial.ufrpe.br

**INSTRUÇÕES**  
 Recorte as peças para em seguida reposicioná-las sob o quadro



Acervo: Memorial da Ufrpe  
 Acessado no site: [www.memorial.ufrpe.br](http://www.memorial.ufrpe.br)

#### 4.7. Jogo do quebra-cabeça

Este jogo do quebra-cabeça é adaptado com a imagem do mesmo quadro de Lula Cardoso Ayres ele tem a tentativa de exercer a memória.

Jogado individualmente ou em grupo, possuiu o objetivo de construir a imagem completa do quadro sobre as atividades econômicas de Pernambuco que foi visto na exposição. O principal objetivo desse jogo é exercitar a memória, o quebra cabeça é uma excelente forma de estimular o cérebro, ainda mais quando acabamos de sair de uma visitação, pois além de conversarmos com os visitantes sobre agropecuária pernambucana, identificamos as principais características que eles se lembram do quadro na visitação para a montagem do jogo.

O quadro é o nosso objeto, os questionamentos giram em torno dele e o quebra-cabeça não   são a montagem das peças e sim também responder as perguntas como, quem é o pintor do quadro? Onde ele estava na exposi o?

O que os personagens estão fazendo? Qual é a função desse objeto originalmente? Qual a função desse objeto agora? Que valor tem esse objeto? Todos esses objetos giram em torno da metodologia de educação patrimonial de Horta, Evelina e Adriana, é muito importante notar que cada objeto traz aspetos e significados possíveis se obter “percepção, análise e interpretação”. E dessa forma conseguir se obter um envolvimento afetivo, construir novas formas de obter conhecimento, aprender a valorizar o bem cultural e como já dissemos antes, obter uma “alfabetização cultural” (Horta, 1999.)

De fato entendemos que os jogos didáticos construídos no espaço: jogo da memória, jogo dos sete erros, jogo dos danos, jogo do quadro e o jogo do quebra-cabeça são construídos com o intuito de fazer os alunos se apropriarem do conhecimento com que entraram em contato a partir da cultura material da exposição com o auxílio da mediação cultural.

Cada jogo em sua estrutura cumpre com seu objetivo, não havendo distinção de idade, podendo ser jogado como uma ferramenta de ensino e aprendizagem para turmas do ensino fundamental, ensino médio ou da própria universidade. A aplicação dos jogos foi muito importante pois com eles entendemos que cada objeto/evidência de cultura material pode trazer inúmeros significados, valores e construir meios para produção de conhecimento modos de ser trabalhar o patrimônio e outros conteúdos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante entender o caminho que o Museu percorreu para deixar de ser entendido como o gabinete de coleções, e que as suas funções não se resumem apenas a guardar coisas. Dessa forma sabemos como essa instituição museológica se dedica tanto a coleção dos objetos reunidos quanto relação existente entre a exposição museal e a comunidade visitante, ou seja, o início da construção do museu enquanto expositivo de valores (POULOT, 2013, p. 59).

Acreditamos e evidenciamos a partir dos teóricos Cury (2003), Poulot (2013), Nascimento (2013) e Possas (2013), que a exposição museal não constrói a sua importância apenas em si mesma, notamos que os objetos expostos necessitam de uma interação junto ao público e não apenas estar visível, o que caracterizava o ato de contemplar a exposição feita pelos visitantes.

Nesse sentido nos preocupamos em abordar que todas as transformações e modificações ocorridas no conceito de museu, foram responsáveis para que hoje ele seja identificado não mais como um elemento paisagístico de uma comunidade, mas sim um local que resguarda a memória dessa comunidade.

Buscamos compreender a pesquisa dentro dos museus como uma possível ferramenta para a construção de uma exposição que dialogue com a comunidade visitante e que participe através da partilha entre o público por meios de dispositivos interativos, esses mecanismos possibilitaram a identificação do museu enquanto também um espaço de pesquisa.

Pacheco (2017) também nos diz sobre os estudos históricos desses objetos de memórias, no qual se pode levá-los em diferentes perspectivas temporais, como o que se tem como evidente é a percepção de políticas culturais, oficinas e ferramentas jurídicas, o tombamento dos bens materiais e do registro cultural dos bens imateriais.

Entretanto se pode dizer que ação do estado não possui mais significado que diferentes iniciativas das comunidades que elegem determinadas práticas sociais e objetos para representar a sua identidade. Logo se trata de fazer história com os processos de reconhecimento social de determinado objeto como patrimônio cultural de uma comunidade.

O Memorial da UFRPE se constrói a partir de um interesse de um grande movimento de memória que acompanhando a construção das identidades se insere no meio acadêmico, diante dos interesses de diversos agentes dessa comunidade. Fazendo com que elementos que causam identificação coletiva nesses agentes sejam expostos e guardados dentro de um local que resguarda o conhecimento e a história dessa universidade.

Nós da equipe do Memorial nos inspiramos em Abud (2010), Horta (1999), Guimarães (2012) e concordamos que o papel educativo do museu não deve está centrado na exposição, por isso percebemos que é através do uso de dispositivos interativos, dos setores educativos responsáveis pela mediação e pela facilitação da mensagem do museu para o visitante, o papel do museu adquiriu um caráter social. Assim ele deixa de ser uma instituição isolada da comunidade em que está instalado, mas se nutre da preocupação de conseguir ultrapassar a barreira de ser apenas lembrado como um “local de guarda” para também um local onde se produz conhecimento.

Por isso, entendemos que, para um museu localizado dentro de uma universidade, tendo como seus integrantes universitários, é de extrema importância que haja mecanismos de interação. Para nós da licenciatura em História foi muito gratificante e produtivo construir e executar os jogos didáticos para os alunos secundaristas e para estudantes de outras licenciaturas. Pois nosso intuito foi representar a memória da universidade, portanto unimos está ação às atividades educativas produzidas no espaço.

Ao realizar visita guiada ao acervo do Memorial e ao entorno da casa Ivan Tavares, executar o jogo da memória, o jogo do quadro, o jogo do sete erros, e o jogo do quebra-cabeça inspirados no acervo museológico do memorial cumprimos com o nosso principal objetivo que é compreender o papel social do Memorial da UFRPE dentro da universidade através das ações pedagógicas e jogos didáticos.

Com a mediação ao espaço é possível compreender como os alunos observam a narrativa construída pela cultura material do espaço, e perceber que através dela o papel social de comunicar a memória da UFRPE é cumprido veementemente. Na visitação concluímos que a comunicação do Memorial se realiza perfeitamente quando há aplicação dos jogos didáticos, pois no educativo

entendemos que a interatividade faz parte da exposição tanto quanto o acervo material existente no espaço.

Ao aplicamos a metodologia de Educação patrimonial instruída por Horta, Evelina e Adriana: percepção, análise e interpretação concluímos que buscamos corroborar para o desenvolvimento afetivo, internalização, apropriação, participação criativa, e a valorização do bem cultural de cada visitante.

O nosso maior entendimento ao unir a perspectiva de educação patrimonial de Horta, Evelina e Adriana com os recursos didáticos do Memorial da UFRPE foi que é possível realizar o processo de “alfabetização cultural” (Horta, 1999, p. 4) dentro da UFRPE, e que ao divulgarmos a Memória Institucional através das ações educativas estamos também contribuindo para que os visitantes saiam de certa forma com inspirados para projetos futuros, para trabalhos acadêmicos, para trabalhos escolares, para valorizar o bem cultural.

Pois para os universitários da UFRPE a aplicação dos jogos do Memorial também é vista como fonte de aprendizagem, principalmente para os discentes dos cursos de licenciatura. Pois as discussões acerca de novas metodologias de ensino estão crescendo principalmente dentro dos cursos de História e outras licenciaturas como pedagogia.

Esse trabalho contribui ao observar que as ações pedagógicas podem ser utilizadas por diferentes públicos para cumprir com diferentes objetivos. Eles são uteis como uma divulgação do acervo do memorial da UFRPE para os visitantes e futuros visitantes. Contribuem como uma ferramenta ou metodologia de ensino de história para aos futuros professores. Também são uteis na apropriação do conhecimento adquirido a partir do acervo do Memorial da UFRPE.

Observamos que não podemos ensinar e estudar história nos isolando dos acontecimentos e com conceitos também isolados, mas sim compreendendo que nós enquanto historiadores participamos ativamente na construção da memória social. Quando entretecemos esses conceitos podemos compreender de forma ampla o nosso objeto de estudo, o ambiente a nossa volta, os acontecimentos atuais e passados, ou seja, nosso campo de visão se alarga na medida que começamos a compreender melhor o que estudamos assim como os seus detalhes.

## 6. REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 125-146.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS; Camilo e Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.104-116.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 379-399.

BRASIL. **Primeiro Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina**.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Vol. 2014. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/ IBRAM, 2009.

CURY, Marília Xavier, **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiros De São Bento de Olinda. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 18 abril 2020. Online: Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: Experiências reflexões e aprendizado**. São Paulo: Papyrus, 2012. p. 273-285, 353- 365.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999.

Livros de Ata da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento de Olinda. Olinda: 1913-1936. Acervo: Memorial da UFRPE.

MELO, B. **Educação e poder**: o ensino superior agrícola em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940. UFRPE, 2013. Dissertação de Mestrado.

NASCIMENTO, Silvana Silva. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In Figueiredo, B. G.; Vidal, D. G. (Org.). **Museus**: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Fino Traço. 2013.p. 159.

OLIVEIRA, Karoline Mery de; PACHECO, Ricardo de Aguiar. A Instituição e sua Memória: A Importância do Memorial da UFRPE. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 8, 2018, Natal. **Anais do 8º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, Natal, SEDIS- UFRN, 2018. v.2, p. 494-596.

OLIVEIRA, Karoline Mery de; PACHECO, Ricardo de Aguiar. A Instituição Museu e a importância de um memorial para a Universidade Federal Rural de Pernambuco. In: Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, XVII, 2017, Recife. **Anais do XVII JEPEX - Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Recife, UFRPE, 2017.

OLIVEIRA, Karoline Mery de; PACHECO, Ricardo de Aguiar. Memorial da UFRPE: Formas alternativas para divulgação da Memória Institucional através de Ações educativas e Jogos didáticos. In: Ciclo de Debates o Rural e o Urbano: Práticas Docentes e o Ensino Global, III, 2018, Recife. **Caderno de resumos do III Ciclo de**

**Debates o Rural e o Urbano: práticas docentes e o ensino global.** Recife: Ed. Universitária UFRPE, 2018. v. 1.

OLIVEIRA, Karoline Mery de; PACHECO, Ricardo de Aguiar. Memorial da UFRPE: Estratégias de divulgação da memória Institucional. In: Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, XVIII, 2018, Recife. **Anais do XVIII JEPEX - Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Recife, UFRPE, 2018.

OLIVEIRA, Karoline Mery de; PACHECO, Ricardo de Aguiar. Os Museus e a Identidade das Instituições no mundo contemporâneo. **História e Culturas**, v. 5, p. 7-21. 2018.

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. **Cultura é patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. De como o Memorial da UFRPE fala do Ensino, Pesquisa e Extensão. **Museologia e patrimônio**, v.3 n.2 - jul/dez., 2010.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154. 2010.

PACHECO. Ricardo de Aguiar. **O patrimônio Histórico**: objeto de pesquisa do historiador. **História Unicap**, v.4, n.7. 2017.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: In Figueiredo, B. G.; Vidal, D. G. (Org.) **Museus**: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Fino Traço. 2013.

POULOT, Dominique, **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Regulamento da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, 1939. Imprensa Oficial: Recife. Acervo: Memorial da UFRPE

Regulamento da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, 1947. Imprensa Oficial: Recife. Acervo: Memorial da UFRPE

SIQUEIRA, D. **Tecendo memória**: linhas e entrelinhas da trajetória da Universidade Federal Rural de Pernambuco (1912-1936). UFRPE, 2010. Dissertação de Mestrado.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Resolução do Conselho Universitário nº 64/84. Recife, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Resolução nº 80/90 do CEPE. Recife, 1990.

Veterinária do Mosteiro de São Bento em Olinda – Pernambuco 1913 – 1915. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil. 1916. p. 16-17.

## 7. ANEXOS



**Anexo 1**  
Memorial da UFRPE (frente)  
Acervo pessoal



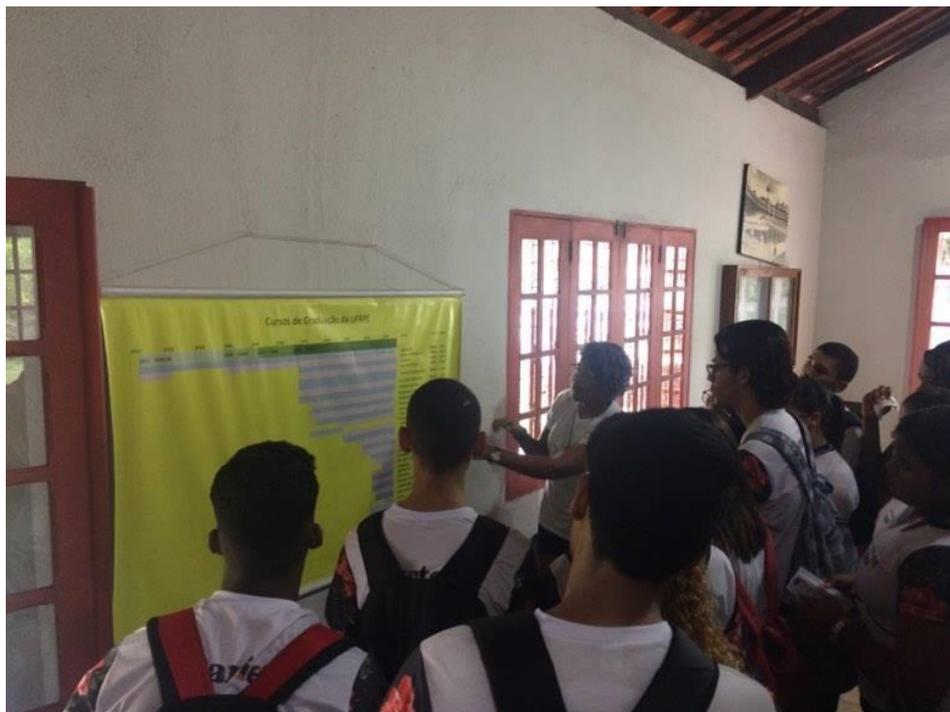
**Anexo 2**  
Memorial da UFRPE (atrás)  
Acervo pessoal



**Anexo 3**  
Aplicação do jogo dos danos com alunos do ensino fundamental II  
Acervo pessoal



**Anexo 4**  
Aplicação do jogo da memória com alunos do ensino fundamental II  
Acervo pessoal



**Anexo 5**  
Mediação com a turmas do Ensino Médio  
Acervo pessoal



**Anexo 6**  
Mediação com a turmas do Ensino Médio  
Acervo pessoal



**Anexo 7**  
Sala de jogos com os calouros da UFRPE  
Acervo Pessoal



**Anexo 8**  
Mediação com os calouros da UFRPE  
Acervo Pessoal